

INTERTEXTUALIDADE E PARÓDIA: A PAIXÃO SEGUNDO CLARICE LISPECTOR

YU, JingFang¹; CUNHA, João Manuel dos Santos².

¹Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras – Português/Francês e respectivas literaturas – UFPel; bolsista PIBIC-CNPq 2010-2011, integrante do Grupo de Pesquisa “Literatura comparada: interdisciplinaridade e intertextualidade”; yujingfang@gmail.com

²Doutor em Letras; professor de Literatura na Faculdade de Letras, Departamento de Letras Vernáculas, UFPel; profjoaomanuel@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo apresenta sucintamente o objetivo e a discussão inicial de projeto de pesquisa em andamento, vinculado ao projeto de pesquisa institucionalizado “Literatura Brasileira contemporânea: fluxos e influxos transtextuais”, coordenado pelo professor João Manuel dos Santos Cunha, no âmbito das investigações conduzidas junto ao Grupo de Pesquisa CNPq-UFPel “Literatura comparada: interdisciplinaridade e intertextualidade”.

O projeto, denominado “Intertextualidade e paródia: a paixão segundo Clarice Lispector”, tem como objetivo principal verificar as relações intertextuais da obra da escritora brasileira Clarice Lispector (1920-1977) com os textos da Bíblia (o Velho e o Novo Testamento). O *corpus* literário inicial, para a primeira etapa do trabalho, está restrito às narrativas *A paixão segundo G.H.* (romance de 1964) e *A via crucis do corpo* (contos de 1974). Serão usadas, como suporte teórico para as reflexões desenvolvidas durante a pesquisa, as categorias teóricas da intertextualidade propostas por Gérard Genette (1982). Tensionando ainda mais o amplo arco das teorias sobre as relações entre textos, já teorizadas por Mikhail Bakhtin (1929), Julia Kristeva (1969) e Roland Barthes (1970), entre outros, Gérard Genette propõe a sua Teoria da Transtextualidade, alargando o alcance das proposições cumulativas, ao postular que o estudo dessas relações deve incluir “tudo aquilo que coloca [um texto] em relação manifesta ou secreta com outros textos” (1982, p. 12). Desde então, essa noção tem convocado insistentemente a crítica e os teóricos da literatura para refletirem sobre as possibilidades de aplicação de seus princípios no exercício da análise crítica. Por outro lado, ainda no espectro da reflexão sobre a questão da intertextualidade, o sentido do conceito de paródia tem sido vivificado por estudos pós-modernos, a partir de elaborações e proposições teórico-críticas como as de Linda Hutcheon (1985): é a partir desse recorte que a investigação será conduzida.

2. METODOLOGIA

Leitura comparada dos textos narrativos acima citados, realizada por meio da investigação das relações intertextuais existentes entre eles, a partir do suporte teórico identificado na bibliografia.

3. DISCUSSÃO

É recorrente na crítica brasileira a ideia de que, no conjunto da escritura clariceana, há uma constante intertextualidade com os textos bíblicos. Vilma Arêas, por exemplo, afirma que o “tema cristão da via-crúcis é insistente na obra de Clarice, seja no título dos livros (*A paixão segundo G.H.*; *A via crucis do corpo*), seja em contos (‘Via crucis’, no livro homônimo), seja ainda em alusão (quando assistimos ao percurso trágico da vida e ao sacrifício da inocente, em *A hora da estrela*).” (2005, p. 46). Mas a relação profunda do imaginário da escritora com os textos bíblicos não se resume aos paratextos de títulos e de epígrafes, efetivando-se no cerne mesmo das fabulações, por meio de trabalho com a linguagem literária, desde os primeiros escritos de ficção, como *Perto do coração selvagem* (1944), passando por *A maçã no escuro* (1961), até se agudizar nos dois livros eleitos para o desenvolvimento desta pesquisa.

Segundo Genette, a intertextualidade é “a presença efetiva de um texto em outro texto. Estudar a intertextualidade é analisar os elementos que se realizam dentro do texto.” Ainda, segundo o teórico francês, a paródia “consiste na retomada de um texto conhecido para lhe dar um novo sentido ou mesmo desligá-lo de seu contexto e de seu nível de dignidade.” Em *A paixão segundo G.H.*, o título, que retoma a ideia bíblica da Paixão de Cristo, já aponta o seu intertexto, com o qual a narrativa pretende dialogar: o texto bíblico.

O romance inicia formalmente com a desarticulação da linguagem do narrador em primeira pessoa – a personagem G. H. –, evidenciando confusão de ideias e a presentificação da sua dificuldade em compreender e em narrar o vivido:

Estou procurando, estou procurando. Estou tentando entender. Tentando dar a alguém o que vivi e não sei a quem, mas não quero ficar com o que vivi. Não sei o que fazer do que vivi, tenho medo dessa desorganização profunda. Não confio no que me aconteceu. Aconteceu-me alguma coisa que eu, pelo fato de não a saber como viver, vivi uma outra? (2009, p. 9)

A personagem desconfia da prática discursiva, questionando a natureza da linguagem e, conseqüentemente, problematizando-se como sujeito de linguagem, ao mesmo tempo em que busca conectar-se com o mundo em que vive. Para resolver esse desencontro entre organização e desorganização do mundo pela linguagem, e compreender o sentido do próprio existir, é preciso encontrar uma outra linguagem que dê conta da humana tarefa. Segundo os textos judaico-cristãos, Deus criou o mundo nomeando, com palavras – linguagem, portanto – o que queria que fosse a objetividade idealizada:

Deus disse: “Haja luz”, e houve luz. Deus viu que a luz era boa, e Deus separou a luz e as trevas...Deus disse: “Haja um firmamento no meio das águas e que ele separe as águas das águas”, e assim se fez...Deus disse: “Que as águas que estão sob o céu se reúnam num só lugar e que apareça o continente”, e assim se fez...Deus disse: “Que a terra verdeje de verdura: ervas que deem semente e árvores frutíferas que deem sobre a terra, segundo sua espécie, frutos contendo sua semente”, e assim se fez... (Gênesis 1 – 2)

É por meio da linguagem que G.H. busca construir um mundo que a acolha e no qual ela se instale com discernimento, no domínio de suas conexões com a objetividade. A desorganização inicial, e mais tarde um estado existencial de vazio insustentável, corresponderiam ao caos do universo de antes da Criação. Tal hipótese, que se pretende comprovar ao longo da investigação, está alicerçada na

recorrência de imagens, metáforas linguísticas elaboradas no seguimento textual – seja nos índices do “seco”, do “vazio”, do “oco”, do “escuro”, seja na paradoxal luminosidade que cega, no amplo espaço físico do apartamento situado no alto de um edifício no Rio de Janeiro – que aproximam a narrativa clariceana da metafórica narrativa bíblica da Criação. Construção textual especialmente importante para o desenvolvimento dessa hipótese, por exemplo, é a presentificação do quarto da empregada demitida por G.H., o qual é visto por ela como um deserto de secura e vacuidade. Não é coincidência a utilização da metáfora, eis que o deserto é espaço físico várias vezes mencionado na Bíblia, remetendo tanto à Libertação como à Tentação. E é nesse quarto que G.H. vai se confrontar com a Tentação e a Provação, mas também alcançará o Conhecimento. Refiro-me à tão citada cena em que a personagem come a “essência” da barata. É por meio dessa possibilidade que ela pode alcançar o entendimento também pela articulação da linguagem com a qual construirá sentido para o que vive naquele momento e para o mundo em que está instalada. Problematizando preceitos articulados nos escritos bíblicos, no entanto, essa experiência não se realiza como essencialmente negativa na jornada prosaica do sujeito contemporâneo, eis que é através dela que se daria o entendimento do mundo e a compreensão da essência humana. É nessa direção mesma que Clarice Lispector aponta, afirmando, já na primeira página do romance, em paratexto intitulado “A possíveis leitores”:

Este livro é como um livro qualquer. Mas eu ficaria contente se fosse lido apenas por pessoas de alma já formada. Aquelas que sabem que a aproximação, do que quer seja, se faz gradualmente e penosamente – atravessando inclusive o oposto daquilo que se vai aproximar. Aquelas pessoas que, só elas, entenderão bem devagar que este livro nada tira de ninguém. A mim, por exemplo, o personagem G.H. foi dando pouco a pouco uma alegria difícil; mas chama-se alegria. (2009, p. 2)

A hipótese de que o romance *A paixão segundo G.H.* dialogaria com a Bíblia de forma paródica, retomando conceitos religiosos como Criação, Provação, Pecado, Conhecimento e Paixão, entre outros, e interpretando-os sob o viés do humano hoje, para produzir sentido desafiante para o que está posto secularmente, atualizando o imaginário do texto milenar pela vertente da paródia questionadora, é uma das direções em que andaré a investigação ora proposta. Assim, no romance, a personagem G.H. tentaria compreender a experiência vivida através do ato de narrar. Isso, porém, não é feito de forma fácil: ela narra com dificuldade, pois não confia no próprio discurso e questiona a própria linguagem, que lhe parece incapaz de cumprir tal desígnio. Ao negar a linguagem, como ato criador, negaria o próprio ato do Criador. Para ela, Deus é o que existe: “O divino para mim é o real.” (p.167). Como foi apontado antes, o ato metafórico de introjetar o “imundo” (a essência proibida) não leva à condenação, ao vazio existencial. Ao contrário, G.H. alcança, após a queda, “uma alegria difícil” (p. 78). Subverteria, dessa forma, o que está disposto no texto bíblico, afirmando: “Só então minha natureza é aceita, aceita com o seu suplício espantado, onde a dor não é alguma coisa que nos acontece, mas o que somos. E é aceita a nossa condição como a única possível, já que ela é o que existe, e não outra. E já que vivê-la é a nossa paixão. A condição humana é a paixão de Cristo.” (p.175)

4. CONCLUSÕES

Com essa sucinta amostra da discussão que se está articulando na atual etapa da investigação, a partir da hipótese formulada para a pesquisa, não se quer apresentar conclusões, ainda que provisórias. O que se formalizou aqui foi resumo de texto em construção, correspondendo às primeiras investidas reflexivas no exame do tema proposto. Na continuidade, o *corpus* teórico deverá ser alargado com a recorrência a textos do âmbito da Filosofia da Linguagem (Benedito Nunes, 1979) e de Interpretação dos Evangelhos, no âmbito dos estudos bíblicos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARÊAS, Vilma. **Clarice Lispector com a ponta dos dedos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski** [1929]. Tradução de Paulo Bezerra. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1997.
- CUNHA, João Manuel dos Santos. A intermitência da memória: transcontextualização em "O corpo" (*A via crucis do corpo*), de Clarice Lispector. **Revista Literatura e Autoritarismo (UFSM)**, v. 12, p. 1-11, 2008. Santa Maria, RS. 2008.
- FERREIRA, Teresa Cristina Montero. **Eu sou uma pergunta: uma biografia de Clarice Lispector**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- GENETTE, Gérard. **Palimpsestes: la littérature au second degré**. Paris: Seuil, 1982.
- GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Extratos traduzidos do francês (*Palimpsestes: la littérature au sécond degré*, 1982) por Luciene Guimarães e Maria Antônia Coutinho. Belo Horizonte: PostLit –FALE/UFMG, 2006.
- GOTLIB, Nadia Batella. **Clarice, uma vida que se conta**. São Paulo: Ática, 1995.
- HUTCHEON, Linda. **A theory of parody**. New York: Methuen, 1985.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-Modernismo - História - Teoria – Ficção**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1991.
- KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise** [1969]. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 2009.
- LISPECTOR, Clarice. **A via crúcis do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- NUNES, Benedito. **O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector**. Rio de Janeiro: Editora Atica, 1979.